

sabado 12 Abril 1930

A campanha anti-pacifista e as organizações patrióticas alemãs. — A attitude do povo perante esse movimento. — A polemica em torno de Remarque

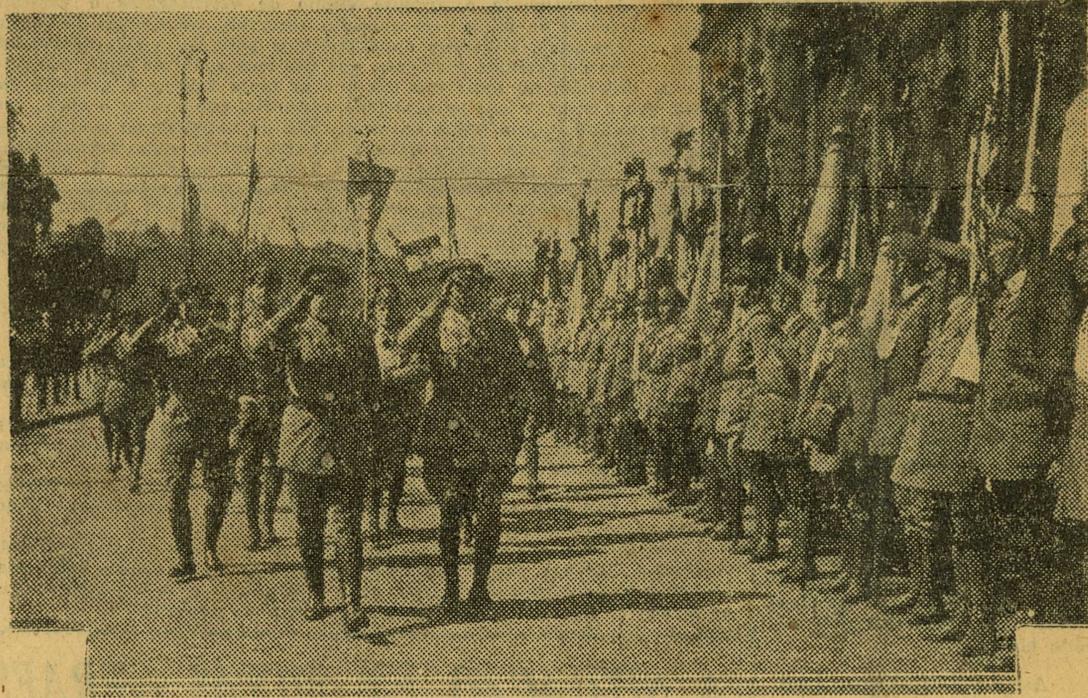
BERLIM, março — O exito de movimentos políticos de tendencia nacionalista revolucionaria — como o que procurei descrever em minha ultima correspondencia — poderia dar uma idéa illusoria da attitude do povo allemão perante o problema das boas relações entre os povos. Não creio que em outro paiz da Europa actual a necessida-

Sergio Buarque de HOLLANDA
(Enviado especial d'O JORNAL e do "Diario de São Paulo" á Allemanha, Russia e Polonia)

cheswehr, não significam menos, um esforço tendente a conservar no povo allemão uma tendencia que este em sua maioria repelle e abomina.

ACQUIESCENCIA HEROICA

O meu fito nesta serie de correspondencias é, antes de tudo, dar uma idéa dos movimentos naciona-



Parada do Stahlhelm, em Berlin

de de se estabelecer a paz na terra e a boa vontade entre os homens tenha encontrado tantos e tão ardentes partidarios como na Allemanha. Se é uma illusão suppor-se que o manifesto dos intellectuaes, de 1914, representava uma adhesão total do pensamento allemão á politica do Reich — seria desconhecer os nomes consideraveis de Stefan George, de Thomas Mann e de Heinrich Mann, que não figuram entre os signatarios desse documento — muito mais errado seria acreditar-se que aquellas manifestações de hysteria patriótica contam hoje com o "imprimatur" do elemento espirital da nação. Mas seria profundamente ingenuo, por outro lado, supor-se que a catastrophe de 1918 seria o bastante para dissipar inteiramente o que restava do espirito de feudalismo e de aggressividade da Allemanha monarchica.

EXITO ILLUSORIO

Temos visto como, em outros paizes, que não hesitaram, durante a grande guerra, em se collocar no partido da "civilização" contra a "barbaria" — para falar como nos discursos — esses movimentos assumiram formas muito mais agudas e mais rispidas. Por intensa que seja a amoldabilidade e facilidade de accommodação de um povo ás necessidades mais imperiosas do momento — e é bem o caso da Allemanha — não se destroe, de um dia para o outro, uma organização moral, que se formou lentamente e á custa de tantos esforços. E porque a regra, na Allemanha, é, de facto, um desejo ardente de paz e de cordialidade para com os seus irrequietos de honra, a despeito de todos os vexames e de todas as injustiças soffridas, não é inutil conhecer as suas excepções. A estroindosa derrota dos nacionalistas, no plebiscito contra o plano Young, comprova sufficientemente essa afirmação. O unico resultado dessa tentativa infeliz foi sobrecarregar o governo com uma enorme despesa, pois se o Volksbegeh, custou ao Estado 615.000 marcos, o Volksentscheid exigiu nada menos de dois e meio milhões, dos quaes um milhão e oitocentos mil do governo do Reich e o resto dos Estados e das municipalidades. E os recentes acontecimentos de Haya mostram que, mesmo a intransigencia do todo-poderoso dr. Hjalmar Schacht não prevalece contra a boa vontade do governo allemão, que pode dispensar o apoio do presidente do Reichsbank para saldar os seus graves compromissos.

MILITARISTAS E PACIFISTAS

Nada mais interessante de que acompanhar esse crescente predomínio dos elementos moderados no dialogo entre os representantes do velho regimen, militarista e reaccionario, e os partidarios de um novo estado de coisas.

Um processo sensacional, occorrido recentemente, illustra bem esse facto. O tenente-coronel Walter von Bogen criticou severamente pela imprensa o recente livro do conhecido escriptor Arnold Zweig, intitulado "O Caso do Sargento Grisha", onde descobria uma perfida caricatura do exercito prussiano.

No caracter de um dos personagens, o general Schieffezahn, o critico imaginou um disfarce do general Ludendorff. E diz, entre outras coisas: "Como allemães é de nosso dever formar uma frente commum contra o pacifismo". E adiante: "Se o povo allemão fór victimado pelo pacifismo, será fatalmente arruinado. A nobresa germanica é, em sua totalidade, contraria a essas idéas perniciosas".

Ao artigo succedeu, como era de prever, na Allemanha, um processo. E ao processo, como tambem era de prever, a victoria de Zweig, que lhe trouxe uma indemnização de 150 dollares. Ninguem duvidou que o resultado desse processo constituiu uma victoria moral consideravel para a causa do pacifismo.

EM TORNO DE REMARQUE

Outro facto não menos importante fornece-nos a polemica que se travou em torno do famoso livro de Remarque, "In Westen nichts Neues". E' bom lembrar, de passagem, que essa polemica não se limitou á Allemanha. Na Italia a traducção desse livro foi mesmo pro-

hibida pela policia fascista, como contendo ensinamentos pacifistas perniciosos á mocidade, e esse exemplo foi seguido em outros paizes. A conclusão de um dos innumeraveis folhetos e livros dedicados á obra de Remarque mostra em que base se funda essa mentalidade anti-pacifista tão espalhada na Europa actual: "Prega-se o mais alto amor entre os homens, assim como a santificação e o amparo da existencia humana e deseja-se a morte de nosso povo; nós, porém, queremos a sua vida", ainda que, para isso, seja preciso abrir a porta da guerra e da morte. Ahi está a differença".

A redacção das "Cartas Nacionaes-Socialistas", que já mencionei na ultima correspondencia, publica em seu numero de 15 de julho passado uma violenta diatribe contra o livro de Remarque, na qual apparecem surprehendedes affirmações anti-pacifistas, das quaes destaco, ao acaso, a seguinte: "A balança ainda oscilla, mas nós mantemos a esperanza de que a guerra voltará a assumir o logar que merece, no sentimento e na consciencia de nosso povo: como uma necessidade e um aspecto da vida". Esse artigo lembra os adversarios numerosos desse ponto de vista e diz que o livro de Remarque apparece hoje, não já como uma simples obra de literatura, mas como uma verdadeira negação e como o evangelho de muita gente que acredita ver nelle a sua propria concepção da guerra. O comunismo proclamou o dia 1 de agosto o dia da anti-guerra e numerosas organizações liberaes chegaram a apoiar-o com calor. E' urgente — diz o mesmo artigo — oppor aos adversarios da guerra um quadro "positivo". E assim, a publicação em questão decidiu lançar no n. 3 de seus "cadernos verdes" uma brochura intitulada "Von Sinne des Krieges—Eine Antwort an Remarque" (Sobre o sentido da guerra — Uma resposta a Remarque), contendo contribuições de Herbert Blank, Friedrich Hielscher, Ernst Junger, Franz Scauwecker e Winfred Wendland. Essa brochura que, na intenção de seus autores e directores, deveria constituir "a unica obra de polemica até agora escripta contra o pacifismo", não conseguiu, apesar de seu preço de propaganda, 40 pfennige (\$300 brasileiros) chamar sequer a attenção de um publico que acolhera com entusiasmo o livro de Remarque, vinte vezes mais caro.

ORGANIZAÇÕES PATRIÓTICAS

Os principios anti-pacifistas não se acham expressos apenas nos programmas dos partidos reaccionarios e nas polemicas dos jornaes nacionalistas. Elles contêm, apesar de tudo, com poderosas organizações patrióticas, que abrangem cerca de quatro milhões de membros, segundo as suas proprias informações. Essa cifra, evidentemente exaggerada, distribue-se, sobretudo, por tres grupos nitidamente differenciados. O primeiro, certamente o mais poderoso, é o "Stahlhelm" (capacete de aço), constituido sobretudo por antigos combatentes, e que apoia integralmente o programma nacionalista. E' verdade que nos ultimos acontecimentos demonstrou uma accentuada tendencia em favor do movimento nacional-socialista, chefiado por Hitler. Segue-se o "Ordem dos Joven Allemães", muito mais moderada e dirigida em particular contra os communistas. Posto que não se ache tão bem organizada, nem tão diffundida quanto o "Stahlhelm", vae realizando indiscutiveis progressos. O órgão dessa organização em Berlin, "Der Jungdeutsche", publicou, ha poucos dias, uma nota sob o titulo "O Pensamento Jovem-Allemão no Brasil", mostrando o bom acolhimento que tem merecido em nosso paiz, nas colonias allemãs, esse movimento. Certos jornaes importantes como o "Deutsche Zeitung" S. Paulo e o "Deutsche Zeitung fur Curityba" applaudem francamente as idéas e as finalidades da Ordem.

Ao par dessas organizações reaccionarias mencionarei a "Reichsbanner" (Bandeira do Reich), que, ao contrario das outras, é accentuadamente republicana e apoia em regra o governo actual.

Essas associações patrióticas têm o fim de, sobretudo "preservar o exercito allemão contra os germens deleterios do pacifismo" e, mesmo quando se destinam, apenas, a resguardar a antiga disciplina do Rei-

listas revolucionarios que se produzem na Allemanha actualmente. Mas eu peccaria por parcialidade se averiguasse apenas sua existencia e a sua impotencia, sem considerar os motivos que dirigiram sua formação. E não creio que esses motivos sejam tão pouco consideraveis. A Allemanha, na luta titanica que emprehende para se organizar, acaba de soffrer um rude golpe em suas possibilidades de desenvolvimento economico regular. O plano Young pôde ter uma porção de justificativas para as antigas potencias allidadas, mas é innegavel que, transportando para o dominio financeiro a politica de vindicta iniciada em Versalhes, não denota, por isso um espirito menos apaixonado e menos lamentavel do que o que dictou, em 1918 o patriotismo de praça publica. Além de tudo isso, estabelecendo como definitivo um plano de pagamentos que se estendem por um periodo de perto de sessenta annos, abrangendo gerações que nada têm a ver com a politica imperialista de 1914, comporta uma mentalidade que difficilmente pôde coincidir com as affirmações de pacifismo tão frequentes neste tempo. Se justifico, até certo ponto, as attitudes do nacionalismo revolucionario allemão, nunca pretenderei defender o espirito retrogrado detestavel que representam. E penso que é bem mais heroica a attitude dos que aceitam as imposições mesmo excessivas, mas, por ora, inelutaveis, dos seus adversarios, certos de que a Allemanha é bastante forte para se affirmar novamente, embora sem deixar de ser ardentemente pacifista, contra todos os odios e todas as injustiças.